

CADERNO DE RESUMOS

seminário
LABELLE 2022



Belle Époque:
o corpo, a cidade, a nação

de 14 a 16 de setembro de 2022

 <http://bit.ly/labelleuerjnoyoutube>

Créditos: Arte sobre foto de Marc Ferrez.

REALIZAÇÃO

LABELLE – Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque (ILE-UERJ)

ORGANIZAÇÃO

Carmem Negreiros (UERJ) | Fátima Oliveira (CEFET/RJ) | Giovanna Dealtry (UERJ) | Lucía González (UERJ/FAPERJ) | Marcus Salgado (UFRJ) | Mônica Vermes (UFES)

► JAMES N. GREEN (BROWN UNIVERSITY)

Frescos e os parques públicos do Rio de Janeiro no começo do século XX

Quando o Brasil entrou no século XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por profundas transformações. Contudo, o plano de renovação não eliminou por completo as evidências de caos, pobreza e deterioração urbana consideradas impróprias pela alta sociedade carioca. A prostituição sobreviveu em algumas partes da área central. O crime continuou a ser uma ameaça àqueles que frequentavam as áreas recém-restauradas do centro. Homens e mulheres pobres, especialmente negros, ainda mascateavam seus artigos nas ruas. E os homens que apreciavam relações sexuais com outros homens apegaram-se obstinadamente aos vários pontos do centro da cidade dos quais se haviam apropriado como lugares públicos para encontrar parceiros sexuais e socializar com os amigos. O espaço urbano mais conhecido para tais encontros era o Largo do Rossio, uma praça nos limites do centro antigo do Rio de Janeiro.

► JEAN PIERRE CHAUVIN (USP/LABELLE)

Às margens do nacionalismo: uma alegoria da República, segundo Machado de Assis

Em 1882, sete anos antes do assalto republicano ao Segundo Império, Machado de Assis zombou dos sistemas de governo em “A Sereníssima República” – conto incluído na coletânea *Papéis Avulsos* (1882). Em seu meticuloso relato, o Cônego Vargas afirmava ter assistido e participado da fundação e desenvolvimento de uma sociedade capitaneada pelas aranhas. Ao final da narrativa, o cônego conclui que, mesmo naquela sociedade tida por ideal, o vício dos métodos se mostrara inerente ao regime, dividido entre facções que tendiam ao partido retilíneo ou curvo – ora conciliando-os, como partido conciliador; ora negando ambas as formas de fazer política. O conto parece estilizar a linguagem dos antigos manuais de política, dentre eles *A República*, de Platão; *Política*, de Aristóteles; *Da Monarquia*, de Dante etc., num momento em que o Segundo Império dava sinais de maior instabilidade política, também agitado pelos ideólogos da República. Por sinal, a existência da personagem Erasmus permite-nos evocar as obras de Erasmo de Roterdã, reconhecido por recorrer à corrosiva alegoria como método de pensamento e ação.

► JULIETA NOVAU (UNaM)

“A máscara do silêncio”: zonas de esclavitud y resistencia en Úrsula de Maria Firmina dos Reis

Este trabajo explora la presencia de la esclavitud y resistencia como zonas temáticas primordiales de construcción narrativa en *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis; a partir de la noción simbólica de “a máscara do silêncio” en sintonía con las reflexiones teórico-filosóficas sobre el “lugar del habla” y la “literatura afro-brasileira” (desde enfoques de Ribeiro -2017-, Carneiro -2005, 2020- y Assis Duarte -2004-). Se analizan ambas dimensiones, atendiendo a procedimientos discursivos y retóricos, donde las voces de los sujetos esclavizados adquieren especial relieve en la novela. En particular, nos detendremos en la configuración de la voz femenina de la “mãe preta”, en tanto *griote*, en consonancia con el despliegue de la memoria ancestral africana como modo fundamental de figuración de resistencia ante la exacerbación de la violencia esclavista brasileña en el s.XIX, construida en la obra. Se busca poner de relieve el modo en que la mirada abolicionista y pionera de la autora en su época, tal como se elabora en la ficción, adquiere relevancia al proyectarse y prolongarse como reflexión crítica sostenida hasta la actualidad.